



**UNIVERSIDADE
FEDERAL DO
MARANHÃO**

**CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ – CCIM
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIOLOGIA**

LARISSE DA CONCEIÇÃO

**TRABALHO E CAPITAL: uma leitura marxiana da exploração na sociedade
capitalista.**

**IMPERATRIZ- MA
2025**

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

da Conceição, Larisse.

TRABALHO E CAPITAL: uma leitura marxiana da exploração
na sociedade capitalista / Larisse da Conceição. - 2025.
16 p.

Orientador(a): Edson Ferreira da Costa.

Curso de Ciências Humanas - Sociologia, Universidade
Federal do Maranhão, Imperatriz-ma, 2025.

1. Exploração do Trabalho. 2. Assalariamento. 3.
Capitalismo. I. Ferreira da Costa, Edson. II. Título.

LARISSE DA CONCEIÇÃO

TRABALHO E CAPITAL: uma leitura marxiana da exploração na sociedade capitalista.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia, da Universidade Federal do Maranhão/ UFMA, do Centro de Ciências de Imperatriz, como requisito para obtenção do título de licenciada sob orientação do prof. Dr. Edson Ferreira da Costa.

Aprovado em: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Edson Ferreira Da Costa
Professor/a (Orientador)

Alexandre Peixoto Faria Nogueira
(Examinador)

Wilson Leite da Silva
(Examinador)

IMPERATRIZ- MA
2025

AGRADECIMENTOS

É com enorme gratidão e alegria que agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Edson Ferreira Da Costa, pelas importantes orientações valiosas e contribuintes durante a construção desse trabalho de conclusão de curso, seu vasto conhecimento, paciência e competência foram essências para o desenvolvimento e realização dessa pesquisa.

Em especial agradeço a minha mãe, por sempre estar ao meu lado em todos os momentos da minha vida, me motivando a estudar e batalhar pelos meus objetivos. As minhas queridas e melhores amigas, Alice, Joanne, e Andressa Victória por todo apoio carinho compreensão e companheirismo durante todo esse tempo.

E as amigas de trabalho, Rosy, Maria, e Olsaneide, pelo incentivo e compreensão, e minha chefe dona Luciene, por me emprestar seu notebook e permitir que utiliza-se algumas horas de trabalho para poder estudar e digitar esta pesquisa, e aos demais amigos que também prestaram apoio contínuo.

Por fim, agradeço a Universidade Federal do Maranhão (UFMA) ao curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia, pela oportunidade de estudar em uma das melhores instituições da região, e é claro por todo conhecimento que fora fundamental para essa formação.

RESUMO

O presente artigo de conclusão de curso tem como objetivo descrever a concepção de trabalho no sistema capitalista e sua relação social e comercial, em decorrência da exploração do capital sobre o trabalhador pelo trabalho, e desse processo ativo do modo de produção, estabelecendo uma análise crítica e reflexiva sobre o desenvolvimento dessa relação. A discussão referente a categoria trabalho está fundamentada nas perspectivas teóricas de Karl Marx, Ricardo Antunes e István Mészáros.

Palavras-chave: Exploração do trabalho, Assalariamento, Capitalismo.

RESUMEN:

Este artículo de fin de curso tiene como objetivo describir la concepción del trabajo en el sistema capitalista y su relación social y comercial, como resultado de las formas de explotación del capital sobre el trabajador a través del trabajo, y de este proceso activo del modo de producción, estableciendo un análisis crítico y reflexivo sobre el desarrollo de esta relación. La categoría trabajo se fundamenta en las perspectivas teóricas de Karl Marx, Ricardo Antunes e István Mészáros.

Palabras Clave: Explotación laboral, trabajo asalariado, capitalismo.

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	06
2. TRABALHO E O CAPITAL.....	06
3. MODOS DE EXPLORAÇÃO PELO TRABALHO NA SOCIEDADE.....	11
CONTEMPORÂNEA	
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	14
5. REFERÊNCIAS.....	15

1. INTRODUÇÃO

Para melhor contextualizar o intuito dessa pesquisa fazem-se necessárias algumas considerações acerca das relações sociais que estão estruturadas no modo produção capitalista totalmente integrados, ao trabalho e o trabalhador. Com ênfase em seu principal fundamento histórico e suas dimensões, dialogando com a teoria marxista sobre trabalho produtivo e improdutivo que geram a mais-valia absoluta e mais-valia relativa, termos estes criados e utilizados por Marx, em sua obra, *O capital: crítica da economia política*, de 1998 livro 1, desenvolvendo os desdobramentos teórico-conceituais da categoria central de análise: trabalho.

A exposição desse estudo está dividida em três sessões. De início contaremos com a primeira seção referente ao trabalho e o capital,

A segunda parte aborda sobre os modos de exploração pelo trabalho na sociedade contemporânea, com contribuições de Ricardo Antunes e István Mészáros. E por fim, apresentamos nossas considerações acerca do desenvolvimento do sistema capitalista exploratório e os impactos causados socialmente no ser humano.

2. TRABALHO E O CAPITAL

Segundo Marx (1998), o trabalho é o processo de atividade humana pelo qual o indivíduo se relaciona com a natureza, a fim de transformá-la para atender a determinadas necessidades. Neste sentido o mesmo afirma que o trabalho é constituído, isto porque,

Enquanto o processo de trabalho é puramente individual, um único trabalhador exerce todas as funções que mais tarde se dissociam. Ao apropriar-se individualmente de objetos naturais para prover sua vida, é ele quem controla a si mesmo; mais tarde, ficará sob o controle de outrem. O homem isolado não pode atuar sobre a natureza sem pôr em ação seus músculos sob o controle de seu cérebro (Marx, 1998, p. 585).

Ou seja, Marx nos esclarece que à medida que o homem transforma a natureza o mesmo também transforma a si, pois, ao realizar o trabalho o indivíduo dispunha de sua força fisiológica na construção de algum artefato, sendo este socialmente útil. Esse investimento de tempo e dispêndio de trabalho qualitativo adquire um caráter abstrato e substancial como diz Marx, sua relevância diante da realização da

construção de mercadorias, tendo valor de troca.

Enquanto que supre necessidades humanas criando valor de uso, sendo realizado um trabalho concreto, onde é atribuído pelo capitalismo um valor meramente comercial sendo representado em forma de dinheiro atendendo a demanda de preços. Por isso é que Marx observava que dentro desse meio de produção capitalista, o trabalho abstrato está ligado a alienação, devido ao trabalhador não ter controle sobre os meios e resultados dessa produção.

Que segue com o objetivo de acúmulo de valor e o transformando em um meio desse fim abstrato, que não se finda em si mesmo, ou seja, o trabalhador alienado passa a não se reconhecer em seu trabalho e no produto final. E este trabalho alienado e capitalista, acarreta consigo em vantagens para o capital e desvantagens para o trabalhador como segue afirmando Marx (1998, p. 586):

A produção capitalista não é apenas produção de mercadorias, ela é essencialmente produção de mais-valia. O trabalhador não produz para si, mas para o capital. Por isso, não é mais suficiente que ele apenas produza. Ele tem de produzir mais-valia. Só é produtivo o trabalhador que produz mais-valia para o capitalista, servindo assim à auto expansão do capital.

Em outras palavras, Marx nos leva a compreender que no capitalismo o trabalho é valorizado pelo capitalista apenas quando tem a capacidade de gerar mais lucros, ou seja, um valor excedente e não pela sua utilidade intrínseca ou pelo seu valor humano, o capitalista apropria-se dessa mais-valia para aumentar seu próprio capital e acúmulo de riqueza, desconsiderando e ignorando o valor abstrato que o trabalho e o trabalhador têm.

Quando o capitalista estabelece o prolongamento de duração da jornada de trabalho para além do tempo necessário, gerando assim em um trabalho excedente fazendo com que o trabalhador produza ainda mais, resultando na aplicação de mais-valia absoluta, como o próprio Marx (1998, p. 586) explica:

A produção da mais-valia absoluta se realiza com o prolongamento da jornada de trabalho além do ponto em que o trabalhador produz apenas o equivalente ao valor de sua força de trabalho e com a apropriação pelo capital desse trabalho excedente. Ela constitui o fundamento do sistema capitalista e o ponto de partida da produção de mais-valia relativa. Esta pressupõe que a jornada de trabalho já esteve dividida em duas partes: trabalho necessário e trabalho excedente.

Ou seja, essa realização de prolongamento da jornada de trabalho faz com que

o trabalhador produza apenas a força equivalente ao valor que será apropriado pelo capital, desse trabalho excedente. Por isso, é que essa produção de mais-valia absoluta é utilizada como método para engrandecer a carga horária de trabalho excedente, e diminuir a do trabalho necessário, apropriando-se de uma lógica comercial onde tempo é dinheiro, por isso que há esse estabelecimento de diminuição e aumento de tempo que equivale ao salário. Diante disso Marx (1998, p. 587), afirma que:

A produção da mais-valia relativa pressupõe, portanto, um modo de produção especificamente capitalista, que, com seus métodos, meios e condições, surge e se desenvolve, de início, na base da subordinação do trabalho ao capital. No curso desse desenvolvimento, essa subordinação formal é substituída pela sujeição real do trabalho ao capital.

Diante dessa colocação podemos perceber que essa relação demonstra a legitimidade da mais-valia relativa, retratando o modo de produção totalmente capitalista de onde dispõe o meio e o modo produtivo para assim estabelecer o condicionamento e subordinação do trabalho e do trabalhador ao capital.

Na obra Ideologia Alemã de (1845-1846), desde aquela época, Marx e Engels já apontavam reflexões críticas sobre relação de subordinação e exploração que a classe burguesa submetia a classe trabalhadora a enfrentar:

Por outro lado, a sociedade burguesa, por ser baseada numa forma de exploração do homem pelo homem que mistifica as relações sociais, também oculta sua verdadeira natureza. Ao transformar as relações sociais em relação entre coisas, faz com que essas relações pareçam como se fossem naturais. Como consequência, as relações de exploração não aparecem como produtos da atividade humana, mas como algo que independe dos homens (Marx; Engels, 2009, p. 9-10).

Então daí percebe-se que o trabalho sempre estará aliado a essa relação social de interesses alheios a necessidades que vai surgindo por parte do capital burguês, onde entram em questão os produtores diretos que são conduzidos por essa relação de opressão, subordinação e exploração. Isto porque, “esta classe dominada, por sua vez, é também a primeira classe social que exige, por sua própria natureza, a superação radical da exploração do homem pelo homem” (Marx; Engels, 2009, p. 10).

Marx e Engels observavam que dentro desse sistema econômico e político, já acontecia uma luta entre essas classes sociais, que permeava a realidade social, cultural e trabalhista, estendendo-se até os dias atuais.

Esclarecemos que mesmo o capitalismo sendo conservador, o caráter de exploração oriundo da privatização da produção social pelo trabalho passou por novas configurações e atualizações como um mecanismo de funcionamento que é mais dinâmico, ágil, e preciso para atender as demandas de exigência dessa sociedade capitalista.

Esse desenvolvimento complexo no mundo do trabalho só ocasiona novos métodos de acumulação para o capital, algo que resulta na aplicação interna da mais-valia, de modo que para alguns trabalhadores, isso talvez seja até imperceptível devido estar totalmente alheio a essa situação que talvez fuja de sua compreensão, sendo levado por essa superprodução e reprodução em série de ritmo constante, como afirma Marx (1998, p. 587):

Basta, para produção da mais – valia absoluta, a subordinação meramente formal do trabalho ao capital: os artesãos, por exemplo, trabalhavam antes para se mesmo ou como oficiais de um mestre ficam como assalariados, sob o controle direto do capitalista. Por outro lado, vimos como o método para produzir mais-valia relativa são ao mesmo tempo métodos para produzir mais valia absoluta e mais o prolongamento desmedido da jornada de trabalho revelou-se o produto mais genuíno da grande indústria mecanizada.

Marx (1998) nos evidencia que desse modo cada vez mais o capitalista vai tornando-se dono não somente das horas de trabalho legalmente exercidas, mas também de toda a realidade social do trabalhador de modo que o indivíduo passa não só a viver para o trabalho, como passa a viver do trabalho, para assim poder garantir sua sobrevivência.

E como tributo a isso deve se torna flexível, dedicado, empenhado e submetido a esse estabelecimento e apropriação desse método de produção e reprodução de mais-valia relativa e absoluta, pois ambas é um processo de extensão de jornada de trabalho para maior obtenção de lucratividade ao capital. Isso só explica o porquê que Marx nos leva a reflexão diante de como é administrada o esquema de aproveitamento, da força de trabalho pela intensificação de sua carga horário e o desenvolvimento de sua produtividade, sendo este o fator determinante para definir e diferenciar o trabalho necessário e trabalho excedente, onde o trabalhador tende a fazer todo seu serviço com mais eficiência e em menos tempo gasto, garantindo assim mais sobra desse tempo para adiantar mais outra parte de seu serviço que poderia ser realizado no dia seguinte, ou outro a fim de agilizar o fluxo lucrativo de acumulação. Sobre isso, Marx (1998, p. 887) segue dizendo:

Como método especial de produzir mais-valia relativa, só opera, em sua propagação ao apossar-se de indústrias até então formalmente subordinadas ao capital, e quando revoluciona continuamente, com novos métodos de produção, as indústrias que já estão sobre seu domínio.

Parte daí a lógica capitalista sobre o trabalho, onde o fornecedor do capital oferece os meios de produção controlando regularmente seu modo de funcionamento através do clássico método reprodutivo de mais-valia relativamente absoluta, lhe possibilitando estabilidade e ascensão comercial.

Além de demonstrar a existente e histórica distinção de classe social entre empregador e empregado, mesmo que embora o capital tente fazê-lo acreditar que este está sendo parte importantíssima para o seu rendimento e que sem ele não há reconhecimento para que assim o empregado sinta-se parte chave deste serviço, tal estimulação é vantajosa, pois aumenta ainda mais a instigação do empregado para funcionamento e pertencimento como uma engrenagem de destaque.

Quando na realidade é tido apenas como um produto no qual suas habilidades são as ferramentas necessárias de trabalho, podendo ser facilmente substituído se vier a dar problemas, ou por algo melhor, esse antagonismo capitalista está simplesmente preocupado apenas com o avanço de sua posição a qualquer custo moldando essa estrutura social, política, econômica e financeira segue o princípio de violação dos direitos independentes da massa trabalhadora.

Esse sistema segue o modo reacionário que mais enfatiza a diferença de classe, ou seja, o burguês e o proletariado, usando de seus meios e métodos o capital satisfaz sua ganância inesgotável à custa dos trabalhadores em todos os domínios econômicos. Essa sociedade capitalista que explora a cultura reacionária para entorpecer e deturpar a consciência revolucionária da massa de trabalhadores, a fim de reprimi-las e explorá-las de acordo com o interesse da classe explorada que depende desses meios de produção.

Conforme Marx (1998) afirma em claras palavras, que essas relações sociais tendem a deixar o indivíduo em estado de comportamento animal-natural, onde os mais fortes sobrevivem e vivem sobre os mais fracos, fugindo do estado de civilização em detrimento do cumprimento de suas necessidades e realizações satisfatórias o problema é quando este ultrapassa os limites dessa condição.

Visto que um dos sentidos que lhe são atribuídos ao exercício do trabalho, um

deles deveria ser de humanizar cada vez mais o indivíduo, e não desumanizar como infelizmente é o que acaba acontecendo na maioria de quase toda a realidade da classe trabalhadora, devido a crescente cobrança do sistema sobre seus servidores, algo que causa cada vez mais uma competição desenfreada sobre a exigência de continuar deixando estável o fluxo de produção em desenvolvimento acelerado. Isso nos leva a refletir sobre esta afirmação:

O modo como os homens produzem os seus meios de subsistência depende, em primeiro lugar, da natureza dos próprios meios de subsistência encontrados e a reproduzir. Esse modo de produção não deve ser considerado no seu mero aspecto de reprodução da existência física dos indivíduos (Marx; Engels, 2009, p. 24).

Ou seja, a fim de garantir boa lucratividade financeira do capital, não necessariamente importando-se com algumas consequências desastrosas que isso resultara, como a exemplo a pressão psicológica, levando a cargas de níveis altíssimos de estresse, depressão, e etc. Ou seja, isso gera um impacto muito grande na vida dessas pessoas.

3. MODOS DE EXPLORAÇÃO PELO TRABALHO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.

As formas de exploração inseridas pelo capital no trabalho partem da utilização do método da mais-valia absoluta sendo o prolongamento da jornada de trabalho e pela mais-valia relativa intensificação da produtividade pela acumulação excessiva de mais valor lucrativo, resultando numa apropriação privada de maior parte do rendimento não pago ao trabalhador, reforçando ainda mais a inerente tendência de geração de desigualdades sociais pelo capitalismo, como já dizia Marx (1998, p. 590):

Admitindo a produção capitalista, não se alterando as demais condições e dada a duração da jornada de trabalho, a magnitude do trabalho excedente variara com as condições naturais do trabalho, especialmente com a fertilidade do solo. Mas se não segue daí que o solo seja o mais adequado, para o desenvolvimento do modo de produção capitalista. Esse modo pressupõe o domínio do homem sobre a natureza.

Nesse processo de produção o homem tem que estar em ligação com a

natureza para a criação de fins vitais, controlando a si mesmo, por isso é que Marx (1998) ainda diz que ambos constituem membros que juntos formam uma união necessária, para essa geração de produtos que serviram para o uso social e comercial.

O trabalhador acaba tornando-se o próprio capital de si mesmo, quando este adianta o início de seu serviço ao seu comprador por meio de um contrato que lhe assegura receber de volta o valor de seu trabalho, exercido por apenas aquela carga horária combinada, mesmo que embora o empregado tenha feito seu serviço em menos tempo, do que fora designado, restando-lhe assim mais tempo para execução do que poderia ser feito no dia seguinte. Essa agilidade acarreta consigo um adiantamento não só mão de obra feita, mas também a realização de trabalho excedente que contribui muito mais para o desenvolvimento e acumulação lucrativa benéfico ao capital contratual.

Embora tal agilidade seja necessária para o avanço de produtividade, este é um dos fatores de aumento de mais horas trabalhadas, misturada com a eficiência dos empregados, é o que eleva o valor da força de trabalho, sendo este o ponto de partida para o desenvolvimento lucrativo, no qual o empregado poderá privilegiar-se em sugerir um aumento percentual de seu pagamento, e o capital ver-se obrigado a cumprir o pedido por medo de decair sua produtividade geradora de mais acúmulo.

Para estabelecermos melhor a compreensão dessa relação comercial entre o sistema capitalista, o trabalho e o trabalhador, nos orientamos pelas ideias de Mészáros (2011, p.16) que entende ser “o capitalismo [...] uma das formas possíveis, de realização do capital, uma de suas variantes históricas, como ocorre na fase caracterizada pela subsunção do trabalho ao capital”.

O autor refere-se a ampliação sob o conceito de análise marxista, ao capitalismo como uma das formas históricas de realização do capital caracterizada por essa dominação estrutural do capital sobre o trabalho em todas as áreas da vida social destacando muito o modo operante que o capital se utiliza para assim poder continuar exercendo sua dominação e monopólio diante da produção e desenvolvimento em ritmo de série no qual exige do seu funcionário, mas horas excedentes trabalhadas incluindo intensificação de quantidade, proatividade e produtividade, para que o empregado acredite estar sendo membro contribuinte importantíssimo a fim de dedicar-se 100% ao máximo a tal ponto de viver apenas para o trabalho e não do trabalho.

Trazendo consigo reflexos do mesmo *modus operandi* que é a aplicação do

clássico método de mais-valia, só que de um jeito mais atual que constitui o perfil do empregado com vestígios dos mesmos já analisados primeiramente por Marx e Engels (1845-1846), onde também nos mostra uma visão antropológica de constituição do ser humano enquanto ser natural, social e material, contrariando o pensamento burguês de sua época e criticando as bases do sistema capitalista em relação ao modo de funcionamento trabalhista.

E posteriormente por Marx (1998), descrevendo críticas apontado as contrariedades desse sistema capitalista, que explora o ser humano em prol de maior benefício próprio, não importando-se com as consequências diante dessa situação.

Atualmente essa leitura ganha expressão no pensamento de Antunes (2004) e István Mészáros (2011) e entre outros pensadores contemporâneos, sendo possível perceber que a grande maioria destes trabalhadores atuais foram transformados e reformados pela manobra sistemática do capital que se apoia com todas as forças no sistema sociopolítico de estado.

Antunes (2004) realiza uma análise crítica reflexiva sobre essa nova roupagem que o capital atual se apropria, para isso utiliza-se do conceito marxista da mais-valia quando se refere sobre o prolongamento da jornada de trabalho, resultando na produção de mais-valia absoluta, como bem afirma em suas palavras:

O prolongamento da jornada de trabalho para além do ponto em que o operário tinha apenas produzido um equivalente do valor da sua força de trabalho, pelo capital, é isto a produção de mais-valia absoluta. Ela forma a base universal do sistema capitalista e o ponto de partida da produção da mais-valia relativa (Antunes; 2004, p.159).

Exatamente por isso o autor cria esse diálogo entre a análise sobre os escritos de Marx e Engels, para melhor exemplificar a maneira de execução desse sistema que liberta ou aprisiona o indivíduo que se vê submetido a tais situações. O mesmo nos leva a reflexão sobre o dever de existir ou extrair um sentido para além do capital, e se é mesmo possível uma divisão ou até uma superação entre o capital e o trabalho e suas demais relações.

Essa questão remete a outra análise do autor. Antunes (2015) descreve sobre os sentido que são atribuídos historicamente e socialmente ao trabalho e a maneira como se estabelece esse contato formal diante da negação e aceitação de novas dinâmicas comerciais que percorrem nesse novo modelo de estruturação e reestruturação econômica que caminha para o neoliberalismo.

O sistema capitalista contemporâneo aproveitou-se disso para estimular a

massa de trabalhadores a qualificarem-se cada vez mais, a fim de tornar-se prontos para adequar-se às suas demandas de exigências. Porém nem todos que estão dentro dessa ampla concorrência conseguem encaixar-se pelas restrições de limite em vagas ofertadas.

Por isso mesmo é que o capital provoca uma cruel desvantagem entre os trabalhadores concorrentes. Para provar ser digno de uma vaga de emprego acaba submetendo-se a qualquer coisa, isso contando principalmente com os que já estão empregados.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da análise bibliográfica dos referenciais teóricos discutidos ao longo do trabalho, é possível perceber que o clássico método de exploração do trabalhador pelo trabalho, e a realidade sistemática, cruel e destrutiva, aliena o indivíduo e o afasta da função autêntica do trabalho. Marx concebia o trabalho como uma atividade que possibilita o ser humano demonstrar a sua superioridade e individualidade em meio aos demais seres vivos, sendo a produção de bens uma parte da realização do próprio homem.

O sistema capitalista desvirtua a capacidade humana e criação e apropria-se do trabalhador, condicionando-o a longas e extensas jornadas de horas trabalhadas, a fim de conseguir extrair excessivamente o máximo possível de acúmulo lucrativo, sob os modos operantes de aplicação do clássico método de utilização da mais valia absoluta e relativa, em relação ao trabalho necessário e excedente.

Portanto compreendemos que o trabalho tem em si um caráter emancipatório, capaz de transmitir sentidos na constituição das subjetividades que estão diretamente associadas ao ser social em vista de sua construção, trazendo para o seu entrelace com a comercialização do sistema capitalista, que possui por fundamento o ato de compra e venda da força de trabalho, privatizando a riqueza social produzida pelos produtores diretos, os deixando apenas com o mínimo necessário para sua sobrevivência.

Essa relação entre capital e trabalho é dependente de uma superação da contradição, à medida que se desenvolvesse essas potencialidades de forças produtivas, emerge uma grande degradação da classe trabalhadora, por isso é que

Marx via que essas desigualdades sociais, poderiam ser eliminadas com a possibilidade de extinção de classe social e privatização de riquezas socialmente produzidas sobre as forças de trabalho alheias, para que assim o homem possa, quem sabe, deixar de ser tido como um mero objeto de produção de mercadorias fetichizado.

REFERÊNCIAS

ANTUNES. RICARDO. *A dialética do Trabalho* livro I: escritos de Marx e Engels. Ed; Expressão Popular. 1 janeiro 2004

ANTUNES, R. *Os sentidos do trabalho: Ensaio sobre afirmação e a negação do trabalho*. Edição revista e ampliada. 2. ed. São Paulo: boi tempo Editorial, 2015. v. 1. 287p.

MAX. KAL. *O capital Crítica da Economia Política* livro I. Ed; Civilização Brasileira. 13 de outubro 1998

MAX. KAL., ENGELS.FRIEDRICH. *A ideologia alemã*. Ed; Expressão Popular. 31 de dezembro 2009

MÉSZAROS. ISTVÁN. *Para além do capital: rumo a uma teoria da transição*. tradução Paulo Cezar Castanheira, Sérgio Lessa. - 1.ed. revista. - São Paulo: Boitempo, 2011.